

OS PASSOS PERDIDOS DE ALEJO CARPENTIER: MEMÓRIA E TRANSCULTURAÇÃO

Aгна Correa Baldissareli¹

RESUMO: A proposta a ser apresentada tem como intenção estudar a memória no processo de transculturação na obra *Os Passos Perdidos* (2009), de Alejo Carpentier, no contexto histórico, social e político, perpassando pela colonização e as contribuições do livro na literatura latino-americana, por meio da descrição composicional e da reflexão sobre a memória do protagonista. Ao ser instaurada a problematização de como identificar o processo de transculturação, usamos como referência os estudos de Ángel Rama (2001), Fernando Ortíz (1991) e Henri Bérgson (1999). Como método, será empregada a pesquisa bibliográfica e a crítica textual. Nesse contexto, a produção literária de Alejo Carpentier, na obra *Os Passos Perdidos* (2009), desenha uma América Latina sob a ótica do narrador-protagonista, através de uma transculturação em que há uma inversão de papéis: o colonizado fica em primeiro plano e o colonizador em segundo plano. Isso acontece quando o protagonista, por meio de sua memória, revela-se como parte integrante daquele espaço vindo a expressar o processo de consciência histórica.

Palavras-chave: Alejo Carpentier Valmont, Memória, Transculturação.

ABSTRACT: The proposal to be presented intends to study memory in the process of transculturation in Alejo Carpentier's *Os Passos Perdidos* (2009), in the historical, social and political context, passing through the colonization and the contributions in Latin American literature, through the compositional description and reflection on the protagonist's memory. When the problematization of how to identify the transculturation process was introduced, we used as reference the studies by Ángel Rama (2001), Fernando Ortíz (1991) and Henri Bérgson (1999). As a method, bibliographic research and textual criticism will be employed. In this context, Alejo Carpentier's literary production, in *Os Passos Perdidos* (2009), draws a Latin America from the perspective of the narrator-protagonist through a transculturation in which there is an inversion of roles: the colonized is in the foreground and the colonizer in the background. This happens when the protagonist, through his memory, reveals himself as an integral part of that space, coming to express the process of historical consciousness.

Keywords: Alejo Carpentier Valmont, Memory, Transculturation.

INTRODUÇÃO

Alejo Carpentier Valmont foi um romancista, contista, músico e jornalista que influenciou a Literatura latino-americana. É um dos principais escritores do século XX. Filho do arquiteto francês Georges Carpentier Alvarez e Lina Valmont, professora de línguas de origem russa. A família mudou-se para Havana porque o pai estava interessado na cultura hispânica e queria viver em um país jovem que permitisse escapar da decadência europeia.

¹ Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso; Professora de Artes da Secretaria Estadual de Educação.

O escritor integrou-se a um movimento literário progressista, o Grupo Minorista. Preso (1927) por criticar a ditadura de Gerardo Machado, começou a escrever na cadeia seu primeiro romance, *iEcué-Yamba-Ó!*, publicado em Madri (1933), cujo tema é a vida e a cultura das comunidades negras de Cuba. Exilado na França (1928-1939), visitou a Espanha durante a guerra civil e, de volta a Cuba, trabalhou como radialista, desenvolvendo importante pesquisa sobre a música popular. Mudou-se, então, para Caracas, Venezuela, em 1945, e não retornou até 1956, ano em que viu o triunfo da Revolução Castrista. A partir deste recomeço, dedicou-se à carreira de jornalista até o fim de sua vida.

Dentre seus romances, incluem-se: *iEcué-Yamba-Ó!* (1933); *O reino deste mundo* (1949), sobre a Revolução Haitiana e tirana do século XIX, de Henri Christophe; *Os Passos Perdidos* (1953), um diário fictício de um músico cubano na Amazônia; *Tempo de guerra* (1956), sobre a violência do governo cubano durante a década de 1950; *The Age of Enlightenment* (1962), em que trata da vida de três pessoas varridas pela Revolução Francesa; *O Concerto Barroco* (1974), em que apresenta os seus pontos de vista sobre a mistura de culturas na América Latina; *Razões de Estado* (1974); *A Sagração da Primavera* (1978); *A harpa e a sombra* (1979). Outrossim, possui extensas produções musicais e outras composições artísticas, como poesias e contos.

A obra *Os Passos Perdidos* foi escrita em 1953, durante o período em que o autor esteve exilado em Caracas, na Venezuela, o qual corresponde de 1945 a 1959. Ele utilizou-se de suas experiências na Venezuela como uma das fontes de inspiração para escrever este romance, que pode ser visto sob a perspectiva da memória do protagonista, a partir do conceito de transculturação na América Latina. Assim, a memória do protagonista nomeia alguns elementos desta obra, os quais serão apontados no texto, sobretudo o processo de (re)construção do protagonista como parte da América Latina e o motivo desencadeador da construção de sua identidade.

Por isso, o estudo justifica-se pela necessidade de compreendermos a narrativa de Carpentier através da memória do protagonista, enquanto vai desenhando todo o cenário de formação da América Latina do século XX.

PROCESSO DE TRANSCULTURAÇÃO

No ano de 1940, apareceu, pela primeira vez, o conceito de transculturação com Fernando Ortíz². Tal apreciação está associada ao desenvolvimento histórico e cultural latino-americano. Tal conceito surgiu em Cuba devido às complexas transmutações de culturas e a evolução do povo cubano, no que diz respeito aos aspectos econômicos, institucionais,

² Fernando Ortíz (1991), etnólogo e antropólogo cubano, no texto “Contrapunto Cubano del Tabaco y Azucar”.

jurídicos, éticos, religiosos, artístico-linguísticos, psicológicos, sexuais e nos demais aspectos da vida. De acordo com Ortíz,

A história de Cuba é a história de suas intrincadíssimas transculturações. Primeiro a transculturação do índio paleolítico ao neolítico, e seu desaparecimento por não se adaptar ao impacto da nova cultura castelhana. No momento seguinte, a transculturação de uma corrente incessante de imigrantes brancos. Espanhóis, de culturas diferentes, já desgarrados como se dizia então, das sociedades ibéricas peninsulares e transplantados a um Novo Mundo, no qual, tudo era novo para eles, da natureza à humanidade, e onde tinham que ajustar-se a um novo sincretismo de culturas (1983, p.4).

A transculturação na literatura está imbricada numa concepção que abraça a essência cultural e que se reafirma a partir do ponto em que as culturas entrelaçam. Esse fato em especial acontece no continente latino-americano, em que passam a surgir novas expressões culturais, o que representa a heterogeneidade e a sua produção. O conceito de transculturação pode ser percebido na obra *Os Passos Perdidos*, a partir do momento em que o autor expõe suas preocupações voltadas à consciência política da América Latina, assim como a identidade e a diversidade cultural.

A estrutura literária e a cosmovisão atuam como peças-chave no processo de transculturação na obra de Carpentier, as quais dão voz aos personagens e criam uma linguagem própria para desvendar a realidade latino-americana, em que a mestiçagem cultural é um dos elementos que apresentam características da cultura hispano-americana e está presente, tanto na literatura, quanto nas tradições e nos problemas decorrentes destas “mutações”.

Nesse contexto, de um lado estão as classes dominantes, associadas a uma ascendência europeia, de outro lado a população dominada, a baixa cultura, em que podemos destacar o mestiço, o índio, o negro. Assim, o ponto de vista do protagonista da obra denuncia a injustiça e a situação de desigualdade social perante a sociedade latino-americana, cuja consequência é um continente sem estabilidade política, marcado por revoluções.

A transculturação da narrativa de Ángel Rama (2001) estabelece um diálogo com o cânone e a literatura latino-americana, tratando também da modernidade europeia e de sua adaptação à realidade latino-americana. Rama afirma que o romance é o gênero que possui maior liberdade formal e seus recursos linguísticos exibem uma linguagem que recupera e incorpora formas populares ou indígenas ao discurso literário. Essa é uma das maneiras pelas quais a transculturação na literatura é possível.

Em *Os Passos Perdidos* (2009), Carpentier apresenta esse discurso em trechos como este: “[...] das paredes de folhas de palmeira pendiam arcos e flechas de pesca e de caça, zarabatanas, aljava de dardos envenenados, cabaças de curare, e umas paletas em forma de

espelho de mão que serviam [...]”.(CARPENTIER, 2009, p.185). Junto a esses elementos da cultura local indígena, o protagonista carrega traços da sua formação cultural europeia:

O disco vai quase terminando e ainda não compreendo onde está o presente tão apregoado por quem fora um tempo meu mestre, nem imagino o que tenho eu a ver com um documento interessante, no máximo para um ornitólogo”. (CARPENTIER, 2009, p.21).

Enquanto isso, Rosario, mulher mestiça, nativa, carrega consigo a simplicidade representativa do elemento local:

[...] Rosário, como se nada tivesse ocorrido, de fato, fez me dar a mão a quem agora se desfazia em desculpas. Para acabar de me acalmar, falava-me dele, afirmando que o conhecia de muito tempo, pois não era deste lugar, mas sim de Puerto Anunciación, o povoado próximo à Selva do Sul, onde seu pai doente a esperava com o remédio da estampa milagrosa. O título de buscador de Diamantes tornou interessante, de repente aquele que pouco antes me batera [...]. (CARPENTIER, 2009, p. 114).

Rosario conduz o protagonista ao questionamento de seu papel no mundo das relações e de qual o seu lugar no mundo das relações afetivas, sociais e culturais. Sendo assim, o conceito de transformação da personagem, em sua jornada, não é o mesmo que vai se desenhando até ao final, não sendo uma variação de ordem econômica.

Nesse contexto, o narrador-escritor exhibe a história do protagonista e a viagem na selva sul-americana, em busca dos instrumentos musicais primitivos. Apresenta, como personagens principais, o narrador-protagonista, Ruth, Mouche e Rosario. A selva é o espaço físico que reúne os elementos nativos americanos³, representa simbolicamente o local e proporciona os elementos míticos. Dentre os aspectos físicos, destacam-se o corpo e sua aparência: “[...] várias índias de peito nu, com o sexo apenas oculto por uma tanga branca, presa a cintura com um cordão passado entre as nádegas”. (CARPENTIER, 2009, p. 185). A natureza proporciona o espaço, acompanhando e influenciando o protagonista em suas relações humanas, influenciando sua convivência com os personagens que contribuem com sua afirmação como parte integrante daquele lugar.

Em relação ao nível da estruturação narrativa, o autor faz uso de parágrafos extensos ao narrar a obra e, dessa forma, cria um ritmo de leitura que permite ao leitor interagir com a história. Outro ponto que chama a atenção é a linguagem formal e a forma de organização do texto, que é composto por seis capítulos e trinta e nove subcapítulos. O personagem-narrador procura nortear, por meio da memória, a sua jornada na selva sul-americana e, nesse trajeto, expõe suas ideias e reflexões acerca do mundo e seu papel. Tacca (1983) ao abordar o narrador, diz que:

³ Índios e negros.

O mundo narrado é basicamente, um mundo insólito. Mundo cheio de vozes, sem que uma só seja real, sem que a única voz real do romance revele sua origem. Nada ocultou tanto a sua essência do narrativo como o facto de se ver no relato algo natural, de evidente, mero comentário, reprodução, “imitação” do mundo. (TACCA, 1983, p.61)

No caso do romance, o narrador-protagonista é o que detém a voz, é um estudioso da música que se encontrava de férias, por considerar seu trabalho enfadonho. Ele é convidado por um curador da Universidade, a qual é financiadora da expedição para coletar instrumentos musicais primitivos⁴. O financiamento desta pesquisa de base científica é apenas a premissa para a fuga do espaço que o cerca, um mundo vazio, sem graça e sem motivação, uma vez que vive em Nova York. Com essa viagem, há a oportunidade de buscar algo mais importante para si mesmo, indo além de suas perspectivas. É assim que se (re)conhece como parte integrante da América Latina, mais precisamente da Venezuela.

O personagem-protagonista, cujo nome não é exposto no decorrer do romance, é casado com Ruth, que, por sua vez, é atriz de teatro. Com o casamento desgastado pela rotina e a convivência diária, passam a se suportar pelas convenções sociais. Devido a isso, algumas vezes, a intimidade do casal é praticada não mais por prazer, mas como obrigação. Ao mesmo tempo, mantém um relacionamento extraconjugal com Mouche, a quem leva consigo na viagem. Ao longo do percurso, o protagonista vai se desfazendo de algumas agruras e se desvencilhando de “demônios”⁵. É nesse ínterim que surge a descoberta do mito do Novo Mundo (El Dorado), o qual vai ao encontro da constituição étnico-racial de seus antepassados.

Nessa empreitada, dar-se-á ao protagonista o encontro com os seus conflitos interiores, o que o fará afirmar e negar a própria identidade. É a partir desse processo que o eixo motivador passa a ser o Velho Mundo (Europa) e o Novo Mundo (América Latina). Além disso, diante desse centro de reconstituição, esbarramos em Mouche, que pode ser vista como a representação do Velho Mundo, o mesmo que, no caminho, vai se esfacelando, nos momentos em que o protagonista vai se afirmando como integrante do novo espaço. Por outro lado, Rosario apresenta-se como a peça chave dessa descoberta.

A tríade formada entre as personagens Ruth, Mouche e Rosario representa, de forma alegórica, o percurso do personagem no processo de composição como protagonista de *Os Passos Perdidos* (2009). Diante da complexidade com a qual nos é apresentado seu mundo, elas representarão o transcurso do enredo. Podemos citar, a princípio, Ruth, a esposa de origem inglesa, a qual pressupomos que faça parte de sua formação a luta, a rigidez, a frieza, a introspecção e a tradição, o que nos conduz à relação do exílio do escritor com a prisão interna do protagonista. Mouche, que é de origem francesa, apresenta parte da cultura da Europa, a

⁴ Indígenas.

⁵ A solidão, o vazio, a incompletude.

boemia, as noites de prazeres sem apego: “[...] Cabelos louros esverdeados, olhos castanhos jaspeado de verde e amarelo [...]”. (CARPENTIER, 2009, p.106). Rosario, que é latino-americana, apresenta todas as características da formação de sua nacionalidade: “[...] Rosario compunha as diversas raças, índia pelos cabelos e pelos pômulos, mediterrânea pela testa e pelo nariz e negra pela sólida redondeza dos ombros e pelo quadril. [...]” (CARPENTIER, 2009, p.89). É construída na voz do narrador como a legítima representação do continente latino-americano.

Ao contraporem-se as personagens, percebemos que Mouche pode remeter ao exílio do autor na França, no ano de 1928, e a relação afetiva com o pai, de origem francesa. Já Ruth assemelha-se a Cuba e à década de 20 do século XX, lugar onde o autor foi preso, forçado a fugir para França, apenas retornando em 1939. Rosario remeteria à liberdade, a Venezuela aproximadamente entre os anos de 1945 e 1959: “eis aqui, pois, o idioma que falei em infância; o idioma que aprendi a ler e a solfejar; o idioma embolorado em minha mente pelo pouco uso, deixado de lado como ferramenta inútil, em país onde pouco poderia servir.” CARPENTIER (2009, p.45).

O narrador-protagonista, no decorrer da narrativa, revive o poema *Cancion a Las Ruinas de Itálica*, do poeta Rodrigo Caro⁶, em que se destacam os versos “[...] Estes, Fábio, ai dor!, que vês agora. Estes, Fábio, [...]” (CARPENTIER, 2009p.45), os quais são recitados em alguns capítulos no decorrer da obra. O protagonista utiliza-se da memória como recurso para reportar ao personagem Fábio, que, na voz do narrador, visita as ruínas da antiga vila de Fabio, da qual se mostra a devastação de todo o seu esplendor, perdido no tempo. Rodrigo Caro, em seu poema *Cancion a Las Ruinas de Itálica*, representa a Itália em seus dois grandes momentos, o apogeu e decadência. O protagonista utiliza-se deste recurso ao se apoderar da história de Fabio e, assim, correlacionar o que tem sido sua história com a da América Latina, antes vista em glória e, nessa fase, devastada pelas guerras políticas e o processo de sua reconstrução.

É nesse rememorar que fica explícito o sentimento de pertencimento pelo qual o protagonista torna-se habitante da selva, espaço que reconhece como parte da sua terra natal: “[...] meu passado exigia o cumprimento de um último dever, com a ruptura do vínculo legal que me atava ainda ao mundo de lá. [...]” (CARPENTIER, 2009, p.254) Mais adiante, o protagonista é resgatado e se vê obrigado a voltar para o mundo civilizado, levando consigo os instrumentos primitivos, prometendo a Rosario que logo regressará: “[...] ali, no chão, junto a uma espécie de fogareiro, estavam os instrumentos musicais cuja coleção me havia sido encomendada no começo do mês [...]” (CARPENTIER, 2009, p. 188). Após alguns meses em

⁶ Rodrigo Caro, escritor espanhol, Canción a las Ruinas de Itálica.

Nova York, o protagonista retorna para Puerto Anunciación e encontra Rosario como “mulher de Marcos”. O romance termina com o protagonista de volta à selva.

MEMÓRIA

Henri Bérghson (1999) se dedica ao estudo da memória do indivíduo em relação ao próprio passado na busca de se reconhecer. É o caso da obra *Os Passos Perdidos* (2009), em que a memória do narrador-protagonista está relacionada com imagens do passado. Identificamos imagens-lembranças do momento em que o narrador sente o cheiro de uma planta. Essas imagens estavam em seu inconsciente e, sem querer, voltaram a sua mente:

[...] minha mão roçou uma alfavaca plantada num vaso. Detive-me, profundamente comovido, ao encontrar o perfume que sentia na pele de uma menina – Maria Del Carmen, filha daquele jardineiro – quando brincávamos de casados no quintal de uma assombreada por um grande tamarindo [...] (CARPENTIER, 2009, p.46)

Bérghson (1999) define como memória regressiva tudo aquilo que registramos em forma de imagens-lembranças. Todos os fatos da nossa vida, os acontecimentos do nosso passado, ficam armazenados pelo mero efeito de uma necessidade, sendo as imagens invocadas por meio de percepções, através de ações. Assim, as imagens-lembranças, como as da citação acima, são evocadas por intermédio de percepções da personagem-protagonista, motivadas pelos acontecimentos da sua vida cotidiana.

Assim, no decorrer da obra de Alejo Carpentier (2009), percebemos que o texto está permeado de memória, conforme ele vai refletindo a vida e de acordo com Bérghson, (1999) para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar:

Tive uma tremenda sensação de solidão. Era a primeira vez, em onze meses, que me via só, fora do sono, sem uma tarefa a cumprir de imediato, sem ter de correr para a rua com o temor de chegar tarde a algum lugar. Estava longe do aturdimiento e da confusão entre os estúdios, num silêncio que não era quebrado por músicas mecânicas nem vozes aumentadas. (CARPENTIER, 2009, p.10)

Nesse momento de solidão, observamos que o protagonista reflete como têm transcorridos os últimos anos de sua vida, em que se depara com uma vida que se repete regularmente: “[...] dias em que todo gesto me produzia obsedante impressão de tê-lo feito antes em circunstâncias idênticas – de ter sentado no mesmo canto, de ter contado a mesma história” [...].(CARPENTIER, 2009,p. 11). Esse processo reflexivo se dá no instante em que se encontra sozinho em casa, que passa a olhar a vida pregressa e chega à conclusão de que o homem está preso às convenções e pressões impostas pela sociedade do seu tempo” “[...]”

Caíramos na era do homem-Vespa, do homem-Nenhum, em que as almas não se vendiam ao Diabo, mas ao Contador ou ao Comitê [...]” (CARPENTIER, 2009, p. 11). Nas imagens do homem-Vespa e do homem-Nenhum, notamos a desestruturação do ser humano e sua solidão, características do homem moderno, em que perpassa todo o estranhamento em relação ao mundo em que está inserido o protagonista, um nova-iorquino, que possui uma vida sem muitas expectativas, sentindo-se realizado somente nos momentos das escapadas noturnas.

A origem da problematização em torno da personagem-protagonista surge a partir da sua vivência no centro urbano, em que se constitui como ser em conflito consigo mesmo e com a sociedade que o rodeia. Daí a necessidade da fuga, a qual se reflete nas andanças noturnas: “Não via onde achar alguma liberdade fora da desordem de minhas noites, em que tudo era bom pretexto para me entregar aos mais reiterados excessos”. (CARPENTIER, 2009, p. 11).

A ânsia de liberdade leva o protagonista às saídas noturnas, à fuga da realidade inquietante que o perturbava. Levando-o a encontrar, não o que procurava, mas o que acabara por suprir uma falta. “Eu a conhecera há dois anos, durante uma das tantas ausências profissionais de Ruth, embora minhas noites se iniciassem ou terminassem em seu leito, entre nós eram ditas muitas poucas frases de carinho”. (CARPENTIER, 2009, p.28). Notamos que essa falta está relacionada ao plano físico, pois Ruth ausentava-se e o protagonista buscava realizar-se como homem nos braços de Mouche:

Regressava a sua carne que era necessária, pois encontrava em sua profundidade a exigente e egoísta animalidade que tinha o poder de modificar o caráter de minha perene fadiga, passando-a do plano nervoso ao plano físico. (CARPENTIER, 2009, p. 28).

O narrador-protagonista conta, a partir das suas reminiscências, a sua trajetória da cidade à expedição pela selva, jornada que serve também como processo de autoconhecimento do sujeito, que passa a questionar seu papel no mundo das relações humana. Como reflete o próprio narrador, referindo-se à selva: “Aqui tudo parecia outra coisa, criando-se um mundo de aparências que ocultava a realidade, pondo muitas verdades em interdição”. (CARPENTIER, 2009, p.179). É inevitável notar o estranhamento que se dá a essa altura, pois o personagem vive um processo conflituoso, cujo embate se opera na tensão entre o eu e o mundo, alterando e prolongando a perspectiva do primeiro, que se representa como “um rio que se lança ao vazio e se desfaz em arco-íris sobre a costa petrificada, balizada por árvores”. (CARPENTIER, 2009, p. 201).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a produção literária de Alejo Carpentier, na obra *Os Passos Perdidos* (2009), desenha uma América Latina sob a ótica do narrador-protagonista através de uma

transculturização em que há uma inversão de papéis: o colonizado fica em primeiro plano e o colonizador em segundo plano. Isso acontece quando o protagonista, por meio de sua memória, revela-se como parte integrante daquele espaço, vindo a expressar o processo de consciência histórica.

Salientamos que o conceito de transculturização narrativa, proposto por Rama, apresenta o processo de criação estética e literária que leva os leitores a refletirem sobre a complexidade cultural e literária latino-americana, em que contribui de forma significativa para evidenciar aspectos das relações da nossa literatura com as matrizes europeia. Dessa forma, oportuniza a inclusão da literatura em igualdade de condições no sistema literário mundial.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio (org.) RAMA, Angel, VASCONCELOS, Sandra Guardini T., Tradução Raquel la Corte dos Santos, Elza Gasparotto. **Ensaio latino-americanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**: 6º Ed. A Teoria do Romance. São Paulo. HUCITEC.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Ed. Bertrand Brasil S/A, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARPENTIER, Alejo Y. **Os passos perdidos**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARPENTIER, Alejo. Disponível em <<http://www.buscabiografias.com>> Acesso em: 14 jul. 2015

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Havana: ed. Ciências Sociales, 1991.

MIRANDA, Antonio. **Rodrigo Caro**: Poesia Ibero-americana Espanã. 2004. Disponível em <<http://www.Antoniomiranda.com.br>> Acesso em 15 jul. 2015.